



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
LICENCIATURA EM LETRAS**

ADRIANA VITAL DOS SANTOS

**UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA: ESTUDO DO TEXTO
LITERÁRIO A PARTIR DAS FUNÇÕES DA LITERATURA**

**ARAPIRACA, AL
2023**

ADRIANA VITAL DOS SANTOS

UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA: ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO
A PARTIR DAS FUNÇÕES DA LITERATURA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas, Campus Arapiraca.

Orientador: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima

ARAPIRACA, AL

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

S237u

Santos, Adriana Vital dos.

Uma proposta de ensino de literatura: estudo do texto literário a partir das funções da literatura / Adriana Vital dos Santos. – 2023.

1 PDF: (1 arquivo : 295 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 53 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Licenciatura em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.

1. Ensino de literatura. 2. Funções da linguagem. 3. Funções da literatura. 4. Literatura. I. Título.

CDD: 807

ADRIANA VITAL DOS SANTOS

UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA: ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO
A PARTIR DAS FUNÇÕES DA LITERATURA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas, Campus Arapiraca.

Orientador: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima

Aprovado em: 01/12/ 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alisson Veras Lima (Orientador)
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Prof. Me. Erinaldo da Silva Santos
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Profa. Dra. Sandra Araujo Lima Cavalcante
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

*Ao meu irmão, Adren Vital (in memoriam),
que dedicou sua vida a me ajudar, e cuja força me
motiva a seguir em frente.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e a virgem Maria, minha tão terna mãe, por serem meu sustento nas horas difíceis, pela sabedoria e pela vida.

Ao professor Dr. Alisson Hudson Veras Lima, meu orientador, pelo zelo e empenho nesta monografia.

Aos meus pais por acreditarem em mim, nos meus sonhos e projetos, especialmente à dona Maria, minha mãe, que dedica seus dias com amor ao cuidado e apoio aos filhos.

Aos meus avós maternos e paternos por sempre torcerem por mim, especialmente à dona Benedita, minha avó materna, por todo empenho e incentivo a mim prestados.

Aos meus irmãos, Adren (*in memoriam*), a José Allef e Andressa pelo apoio e amor.

Ao meu namorado Valdenir pelo carinho e atenção que sempre dedicou a mim.

À Giovana, amiga de longas e duras caminhadas.

Aos meus colegas de curso, em especial ao meu grupo de estudos, pelo qual tenho grande estima Felipe Pereira, Bruna Caroliny, Rosana Santos, Vitória Santos e Analiel Pedro.

Ao IFAL por ser porta de abertura para os meus sonhos.

Aos Programas PIBID e PRP e à CAPES pelas experiências e por me conceder subsídios que custearam as minhas despesas, sem os quais não poderia ter chegado até aqui.

Grata a todos!

*“A literatura é um apocalipse humano, a revelação do
homem a si mesmo...”*

(Northrop Frye)

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter aplicada, pois buscamos, a partir da leitura dos textos literários e do reconhecimento de suas funções, propor novos caminhos para o ensino de Literatura. O trabalho tem como objetivo central sugerir uma proposta de ensino de literatura sobre o estudo do texto literário a partir das funções da literatura. Para cumprimos com nosso objetivo, a pesquisa foi desenvolvida por meio do método indutivo, pois partimos de um fato específico, a saber: o uso das funções da literatura na leitura de textos literários para, a partir disso, mostrar a análise de textos da literatura brasileira comumente usados no primeiro ano do Ensino Médio, visando uma nova proposta de ensino. Ademais, por ser esta uma pesquisa desenvolvida, em sua maior parte, por meio do método indutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica. Logo, o *Corpus* da pesquisa foi construído a partir de diversos textos de diferentes escolas literárias, cujo foram analisados considerando as funções da literatura. Assim sendo, utilizamos como referencial teórico (i) Os conceitos de Língua e Linguagem apresentados por Saussure (2008), Lyons (1982) e Chomsky (1978); (ii) As perspectivas sobre Comunicação e suas funções a partir de Chalhub (2003), (Jakobson, 2008); (iii) As funções da literatura e seus conceitos a partir de D'Onofrio (2007), Almeida e Lima (2019), e Lopes (2021); e (iv) e por meio do pensamento de Candido (1972), Zilberman (2008), Aguiar e Suassuna (2013), Soares (2002) e Cosson (2009) buscar compreender a literatura como importante instrumento de transformação social no ensino de Língua Portuguesa. Dito isso, foi possível perceber que a gênese do ensino de literatura é o texto literário como o centro das práticas de leitura na escola, sem o abandono do prazer e com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Levando em consideração a formação do leitor, vencer a noção conteudista do ensino é compreender que mais que um conhecimento literário, trabalhar a literatura é partilhar experiências falar de autorreconhecimento é, como diria Cosson (2009), incorporar o outro em mim sem a renúncia da minha própria identidade, e nos deixar sermos constituídos por meio da palavra.

Palavras-chave: ensino de literatura; literatura; funções da linguagem; funções da literatura.

ABSTRACT

This work is an applied research, as we seek, from reading literary texts and recognizing their functions, to propose new paths for teaching Literature. The main objective of the work is to suggest a proposal for teaching literature on the study of literary texts based on the functions of literature. To achieve our objective, the research was developed using the inductive method, as we started from a specific fact, namely: the use of literature functions in reading literary texts to, from this, show the analysis of commonly used texts in the first year of high school, aiming for a new teaching proposal. Furthermore, as this is research developed, for the most part, through the inductive method, which, by nature, is a method that involves the use of bibliographic references, we can state that our investigation will take place through the monographic method. , specifically as a bibliographical research. Therefore, the research Corpus was constructed from several texts from different literary schools, which were analyzed considering the functions of literature. Therefore, we use as a theoretical reference (i) The concepts of Language and Language presented by Saussure (2008), Lyons (1982) and Chomsky (1978); (ii) Perspectives on Communication and its functions from Chalhub (2003), (Jakobson, 2008); (iii) The functions of literature and its concepts from D'Onofrio (2007), Almeida and Lima (2019), and Lopes (2021); and (iv) and through the thinking of Candido (1972), Zilberman (2008), Aguiar and Suassuna (2013), Soares (2002) and Cosson (2009) seek to understand literature as an important instrument of social transformation in the teaching of the Portuguese Language. That said, it was possible to see that the genesis of literature teaching is the literary text as the center of reading practices at school, without abandoning pleasure and with the commitment to knowledge that all knowledge requires. Taking into account the reader's training, overcoming the content-based notion of teaching is understanding that more than literary knowledge, working with literature is sharing experiences, speaking of self-recognition is, as Cosson (2009) would say, incorporating the other into me without renouncing the my own identity, and let ourselves be constituted through the word.

Keywords: teaching literature; literature. language functions; functions of literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	LÍNGUA E LINGUAGEM.....	14
2.2	A COMUNICAÇÃO E SUAS FUNÇÕES.....	17
2.3	AS FUNÇÕES DA LITERATURA.....	20
2.4	A LITERATURA COMO IMPORTANTE INSTRUMENTO DE.....	24
	TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
3	METODOLOGIA	29
3.1	MÉTODOS DE ABORDAGEM.....	29
3.2	MÉTODOS DE PROCEDIMENTO.....	30
3.2.1	Tipos de Pesquisa	31
3.1	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	31
3.1.1	Análise de Texto por Função Literária	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A educação literária desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social, cultural e intelectual dos estudantes, mas não só destes, como de todos aqueles que se aventuram nos mares da literatura, pois ela (a literatura), proporciona uma compreensão profunda da linguagem, da sociedade e da própria condição humana. Nesse contexto, a presente pesquisa se propõe a explorar uma abordagem inovadora para o ensino de literatura, centrada na análise das funções da literatura nos textos literários.

No ensino de literatura hoje o exercício da prática literária apresenta uma carência de determinação plena ao que é essencial à literatura, da ação da leitura à palavra criadora. É aí que se insere os equívocos entre a prática da leitura e interpretação leitora. A interação com o texto é mediada superficialmente, pois se os atos de compreensão envolvidos no processo de constituição do significado capacitam o leitor a refletir sobre si e a descobrir o mundo, se esse não for exercido efetivamente, a literatura não terá cumprido seu papel.

Como então falar em literatura que opera a humanização, se essa não traz o contexto e as condições sociais de uma experiência potencial dos sujeitos leitores? torna-se difícil entender essa relação. O texto raramente é o centro das práticas literárias, as aulas de literatura restringem-se a historiografia dos períodos literários, causando uma discrepância enorme no sentido de se ensinar literatura. Falta a significação, a interação, o diálogo entre o texto e o leitor, e esses elementos são cruciais para a construção do imaginário e da tomada de posição do sujeito, bem como favorecendo sua formação intelectual e humana. Para Todorov (2009) a literatura

[...] nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano [...]. (TODOROV, 2009, p. 24)

Diante disso, entendemos a importância do conhecimento literário, entendemos que a palavra “literatura” impulsiona as experiências estéticas e sociais que permeiam as criações do homem e, revela a ele próprio o reconhecimento de si e do mundo. Nessa perspectiva, desenvolvemos uma pesquisa que objetiva a compreensão da literatura como construtora do pensamento

crítico-social e, para isso, partimos do conceito das funções da literatura para analisar textos dos períodos do quinhentismo, barroco, arcadismo, e a primeira geração do modernismo, trabalhados no 1º ano do ensino médio, a fim de compreender como se estabelece o sentido comunicativo no texto literário, atrelando para o diálogo que se surge da interação entre leitor e texto. Desse modo, propomos uma reflexão acerca da relevância do ensino de literatura pautado na inserção do leitor e sua visão acerca do texto como expressão do mundo.

Acreditamos que a partir das análises de texto por funções se compreenda que a literatura é em si uma forma de expressão da linguagem, pois o texto literário cumpre diversas funções, desde a reflexão sobre a realidade até a expressão estética, pode enriquecer significativamente a experiência dos alunos no estudo da literatura. Esta proposta de ensino de literatura busca não apenas aprimorar métodos pedagógicos, mas também promover uma apreciação mais abrangente e crítica das obras literárias, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

A seguir serão apresentados os fundamentos teóricos que embasam essa proposta, assim como a metodologia adotada para sua implementação e os possíveis impactos no processo de ensino-aprendizagem literária.

No que diz respeito a fundamentação teórica, consideramos: (i) Os conceitos de Língua e Linguagem apresentados por Saussure (2008), Lyons (1982) e Chomsky (1978); (ii) As perspectivas sobre Comunicação e suas funções a partir de Chalhub (2003), (Jakobson, 2008); (iii) As funções da literatura e seus conceitos a partir de D'Onofrio (2007), Almeida e Lima (2019), e Lopes (2021); e (iv) e por meio do pensamento de Candido (1972), Zilberman (2008), Aguiar e Suassuna (2013), Soares (2002) buscar compreender a literatura como importante instrumento de transformação social no ensino de Língua Portuguesa.

Sobre as abordagens metodológicas, o trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter aplicada, pois buscamos, a partir da leitura dos textos literários e do reconhecimento de suas funções, propor novos caminhos para o ensino de Literatura. O trabalho tem como objetivo central sugerir uma proposta de ensino de literatura sobre o estudo do texto literário a partir das funções da literatura. Para cumprimos com nosso objetivo, a pesquisa foi desenvolvida por meio do método indutivo, pois partimos de um fato específico, a saber: o uso das funções da literatura na leitura de textos literários para, a partir disso, mostrar a análise de

textos comumente usados no primeiro ano do Ensino Médio, visando uma nova proposta de ensino.

Ademais, por ser esta uma pesquisa desenvolvida, em sua maior parte, por meio do método indutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica. Logo, o *Corpus* da pesquisa foi construído a partir de diversos textos de diferentes escolas literárias, cujo foram analisados considerando as funções da literatura.

Para melhor situar o leitor, este trabalho está dividido em quatro seções, sendo elas: (i) Introdução; (ii) Fundamentação teórica, e as subseções: Língua e linguagem, no qual buscamos definir as concepções de língua como sistema e linguagem no seu sentido comunicativo e, através disso inserir a literatura como parte do ramo das linguagens; Comunicação e Suas Funções, para compreender a construção da linguagem e sua mensagem no cenário comunicativo; As Funções da Literatura, para demonstrar a importância de inserir as funções literárias no ensino de literatura; A Literatura como importante instrumento de transformação social no ensino de Língua Portuguesa, a fim de tratar o ensino de literatura em Língua Portuguesa como elemento capaz de desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e sociais nos indivíduos.

Na seção (iii) Metodologia, buscamos apresentar os caminhos traçados no decorrer da pesquisa, a fim de compreender o texto literário como elemento da comunicação; bem como nas subseções demonstramos os métodos de abordagem os métodos de procedimento e os métodos de pesquisas, para então classificamos esta pesquisa como indutiva, que prevê o uso de referencial bibliográfico. No que se refere os tipos de pesquisa a definimos de caráter aplicado.

Ainda na seção (iii) Análises e Discussões, trabalhamos com análises de textos canônicos da literatura brasileira especificamente, agrupando-os de acordo com as funções da literatura presente em cada um deles, evidenciando que a partir desse método é possível desenvolver a capacidade crítica e intelectual do aluno. Por fim, nossas considerações finais, ao qual determinamos que o estudo por meio das funções permite ao aluno transcender o sentido estético da literatura, chegando ao seu sentido macro a humanização por meio das obras literárias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, trataremos sobre as concepções de língua e linguagem, a fim de compreender de que maneira o ensino de Literatura, enquanto vertente do ensino de Língua Portuguesa no ensino regular, contribui para a compreensão da comunicação humana.

2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

Ferdinand de Saussure, um renomado linguista suíço do final do século XIX e início do século XX, é conhecido por suas contribuições à teoria da linguística estrutural. Também conhecido como o pai da linguística moderna, por defender a língua como objeto de estudo desta, tornando a linguística uma ciência, teve como objetivo estudar o corpus (a língua) em sua forma estrutural. Por ser a língua o seu único objeto de estudo. Saussure não conseguiria estudar a linguagem como um todo devido a sua complexidade em uso. Observando esta impossibilidade, buscou concentrar seus estudos somente ao estudo da língua. Ele definiu a língua de uma forma particular em seu trabalho "Curso de Linguística Geral", que foi publicado postumamente por seus alunos por volta de 1916.

Segundo Saussure (2008), a língua pode ser definida como um sistema de signos que expressa ideias, e é composto por duas partes: um conjunto de sons (ou sinais) e um conjunto de conceitos. O signo linguístico, segundo Saussure (1969, p. 80), “une não uma coisa é uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Por meio dessa definição, verificamos que o signo é uma entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica. A relação entre os sons e os conceitos é arbitrária, o que significa que não há uma conexão natural ou lógica entre eles. A ligação entre um som e um conceito é estabelecida apenas por convenção, ou seja, por um acordo tácito entre os membros de uma comunidade linguística (LIMA, 2002).

A arbitrariedade do signo linguístico, discutida no Curso de Linguística Geral, registra-se na noção de que o significante e o significado não tem relação direta [...]. A discussão fica mais evidente quando ocorre a comparação entre línguas, demonstrando que, se houvesse essa relação direta, não poderia haver as diferenças de nomes para as mesmas coisas entre as línguas. (SAUSSURE, 2008, p. 81)

Essa definição de Saussure (2008) enfatiza a natureza arbitrária e convencional da língua, onde os sons ou sinais linguísticos (a parte fônica) são

associados a conceitos (a parte conceitual) por meio de convenções culturais compartilhadas em uma comunidade linguística específica.

A Língua, para Saussure, é um sistema de signos que é essencial para a comunicação e a expressão de pensamentos, mas essa relação entre som e significado é fundamentalmente arbitrária. Essa perspectiva influenciou profundamente o campo da linguística e contribuiu para o desenvolvimento da teoria estruturalista da linguagem.

... à definição de linguagem como faculdade de constituir uma língua conforme um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas, Saussure acolhe o princípio de uma linguagem articulada. Faz isso, ao constatar que a questão do aparelho vocal se revela secundária no problema da linguagem – tendo alertado antes disso para o fato de que o som não passa de um instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Nos domínios da língua, tal qual pensada por Saussure, nada existe por si mesmo. (DISCINI, 2017)

Não tão diferente de Saussure, o linguista John Lyons definiu a língua como um sistema de sinais, onde cada sinal é composto por um significante (a parte perceptível, como palavras ou gestos) e um significado (a ideia ou conceito associado). Esses sinais são organizados de acordo com regras específicas dentro de uma comunidade linguística, permitindo a comunicação entre seus membros. Essa definição destaca a natureza estruturada e simbólica da linguagem.

A definição de língua de Lyons, pode ser encontrada em sua obra "Linguagem e Linguística: Uma Introdução". Segundo Lyons (1982), a língua é definida como um sistema de signos verbais, sendo esse sistema utilizado por uma comunidade de falantes para a comunicação. Para Lyons (1982), uma língua é um sistema de signos verbais, um sistema para a produção e recepção de enunciados. Esses enunciados são usados para a comunicação entre os membros de uma comunidade linguística, isto é, uma comunidade de falantes de uma língua (NASI, 2007).

Um sistema linguístico é um fenômeno social, ou instituição que, em si mesma, é puramente abstrata, na medida em que não apresenta um existência física, mas que em determinadas ocasiões é atualizada no comportamento linguístico dos indivíduos integrantes de uma comunidade linguística. (LYONS, 1982, p.23)

Essa definição destaca a natureza estruturada da língua, envolvendo a produção e recepção de enunciados, bem como seu propósito primordial de facilitar a comunicação dentro de uma comunidade linguística específica.

Deixando de lado a perspectiva estruturalista da língua, temos o olhar voltado para a perspectiva cognitivista com Noam Chomsky. Chomsky é um renomado

linguista, filósofo e cientista cognitivo. Ele é reconhecido por suas contribuições à linguística, especialmente por sua teoria da gramática gerativa. O conceito de língua para Chomsky é central em suas obras e pesquisas (NASI, 2007; ETTO, 2018).

Chomsky propõe que a capacidade linguística é inata aos seres humanos, ou seja, que há uma "faculdade da linguagem" inerente à estrutura do cérebro humano. Ele argumenta que, embora os estímulos do ambiente desempenhem um papel crucial no desenvolvimento da linguagem, a complexidade e a riqueza da linguagem não podem ser totalmente explicadas apenas pela exposição a dados linguísticos externos (ETTO, 2018).

O conceito chave sobre a teoria proposta por Chomsky é o da "gramática universal". Ele postula que existe uma estrutura subjacente comum a todas as línguas humanas, independentemente de quão diferentes possam parecer superficialmente (ETTO, 2018). Essa gramática universal é parte da herança genética da humanidade. Chomsky propõe que as crianças têm uma predisposição inata para adquirir a língua de seu ambiente e que essa capacidade é acionada pela exposição à linguagem (VITRAL, 2019).

Segundo Chomsky (2015), a capacidade de compreender e produzir a linguagem advém de princípios universais que constituem o órgão da linguagem, princípios estes também chamados de gramática universal (GU). Quando há estímulos externos na aquisição de determinada língua, esse órgão age sobre esse estímulo e produz a aquisição de uma língua específica. (*apud*. DE OLIVEIRA; PEREIRA, 2019)

Além disso, Chomsky introduziu o conceito de "competência" e "performance". A competência refere-se ao conhecimento subjacente de uma língua, enquanto o desempenho está relacionado à aplicação prática desse conhecimento na comunicação real.

Sobre Competência, Chomsky (1978) afirma que:

A competência destaca-se como a capacidade de produzir variadas sentenças, em outras palavras, o sujeito sabe produzir sentenças de acordo com uma gramática interna, no qual, já sabemos distinguir uma frase gramatical ou agramatical. E desempenho é o uso concreto da língua. (CHOMSKY, 1978, p. 12)

Já sobre Performance/Desempenho, o autor destaca como um "conjunto de imposições que limitam o uso da competência. É a imperfeita manifestação do sistema. É o uso real da língua em uma situação concreta." (KENEDY, 2008, p. 130).

Dito isso, para Chomsky, o conceito de língua está profundamente enraizado na biologia humana, com a capacidade linguística sendo uma característica inata e

universal. Sua teoria da gramática universal e sua ênfase na competência linguística influenciaram significativamente o campo da linguística e continuam a desempenhar um papel importante na compreensão da natureza da linguagem humana.

2.2 A COMUNICAÇÃO E SUAS FUNÇÕES

Os estudos de Jakobson contribuíram consideravelmente para o contexto social brasileiro desde o final da década de 1960, com a vinda do linguista ao Brasil. Com a preocupação de desenvolver nos alunos a habilidade de comunicação e expressão da linguagem, a Teoria da Comunicação apresenta elementos fundamentais para a construção eficaz do ensino da Língua Portuguesa, estando presente em materiais didáticos da disciplina até os dias atuais.

Tomando como referência o linguista alemão Karl Buhler, Jakobson (2008) desenvolveu as chamadas funções da linguagem, atribuindo fatores constitutivos para a determinação dessas. Assim, sendo a mensagem o objeto da comunicação que representa o conjunto de informações transmitidas pelo locutor, seu funcionamento é sustentado por seis fatores: emissor, receptor, código, referente, mensagem e canal. Cada função apresenta um fator prioritário e se constitui dentro do texto de diferentes maneiras.

Dessa forma, considerando esses seis elementos bases, o linguista desenvolveu em sua teoria as seis funções da linguagem, sendo elas: a função emotiva, função conativa, função referencial, função poética, função metalinguística e função fática.

De acordo com Chalhub (2003,p.8), essas funções podem dialogar dentro de uma única mensagem, em suas palavras:

Numa mesma mensagem, porém, várias funções podem ocorrer, uma vez que, atualizando concretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem [...] não há mensagem solitária na sua marca. (CHALHUB, 2003,p.8)

Nessa perspectiva, a autora sugere que, dado um momento de comunicação, os sujeitos irão fazer o uso de diversos códigos em um único contexto. Para exemplificar, pensando-se em uma comunicação cotidiana, coloca-se em ênfase a função referencial, que é dominada pelo fator referente, que se concentra em transmitir informações, buscando expressar a realidade de forma clara e direta. No

entanto, dentro da cena da linguagem, pode haver a entrada de outras funções, como, por exemplo, a função emotiva e a conativa, que podem surgir para completar a tarefa do nível linguístico denotativo presente nessa função, transmitindo informações objetivas, expressas pela legitimidade.

Há ainda a possibilidade da entrada da função poética junto à emotiva ao apresentar o referencial de um poema, por exemplo, organizado pela justaposição dessas funções dentro do campo da mensagem, cada uma apresentando um objetivo.

No diálogo das funções da linguagem, diremos, então, que propondo uma descrição do contexto campo, a função referencial aí se apresenta, porém, articulada a um certo modo de organizar, selecionando o conjunto lexical [...] e combinando-o numa formulação sintática, que é a justaposição desses elementos na forma de uma montagem/colagem, o que resulta num cuidado poético com a linguagem – a função poética. Ainda observa-se um modo de ver/lembrar esses itens, qualitativamente, o que marca o ponto de vista do emissor, a função emotiva. (CHALHUB, 2003,p.14)

Forma-se assim, o conjunto de três traços (referencial, poético e emotivo) em uma única mensagem. Similar a isso, ocorre na função emotiva também o aparecimento de outros elementos secundários. No entanto, essa função, marcada pelo domínio do emissor, apresenta um caráter mais acessório às outras funções da linguagem, adquirindo em si a construção de uma mensagem subjetiva de quem fala, no modo como fala. Ela é marcada pela 1º pessoa e inclui o receptor (2º pessoa), traçando seu objetivo comunicativo no emissor, deixando transparecer as intenções do seu dizer. Nela,

A mensagem organiza-se , centralmente, na posição do emissor, marcado pelo traço indicial do pronome em 1º pessoa , ao mesmo tempo que envia seus sentires, lembranças, expressões a uma 2º pessoa [...] (CHALHUB, 2003,p.17)

Na função conativa, a mensagem é orientada pelo receptor para o destinatário, tendo como objetivo influenciá-lo acerca de alguma informação. Ela é marcada gramaticalmente pela presença do imperativo e do vocativo e pela 2º pessoa do verbo, carregada, também, de traços argumentativos que marcam o remetente da mensagem. Em seu diálogo com outras funções, pode-se considerar que

Ela pode desenhar uma mensagem de configuração emotiva, mas a consciência de possuir receptor, nas articulações de linguagem, implica que a função conativa também pode conectar-se com a poética e com a metalinguística (CHALHUB, 2003,p.23)

Quando a mensagem for dominada pelo canal , apresenta-se nela a função fática, cujo objetivo é testar a comunicação. De acordo com Chalhub (2003, p. 28), o objetivo dessa função não é informar significados, mas “prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação”. Isto implica dizer que ela irá assegurar a interação entre o emissor e o receptor ao preocupar-se com o suporte físico da transmissão, estabelecendo conexão entre o emissor, a mensagem, o receptor, o canal e o referente.

Tratando-se agora da função poética, a linguagem irá adentrar em um aspecto profundamente emotivo e estético, como uma forma de expressão que transcende a mera comunicação utilitária. Na definição da autora Samira Chalhub (2003):

[...] na função poética, a mensagem está voltada para si mesma: as características físicas do signo, seu estatuto sonoro, visual, são privilegiadas, decorrendo um sentido não previsto numa mensagem de teor puramente convencional, por exemplo.[...] É preciso estar atento aos signos – estes revelam, no seu arranjo, sua própria pedagogia de aparição, criando um espanto no seu bem-dizer(se). (CHALHUB, 2003,p.38)

Tendo em vista essa percepção, entende-se que a linguagem poética possui a capacidade de criar imagens sensoriais, despertar emoções profundas e proporcionar uma experiência estética única em seu modo peculiar de mostrar-se.

Análogo a isso, ela está relacionada à capacidade de manipular as palavras de maneira a criar uma atmosfera especial, estimulando a sensibilidade do leitor através do uso cuidadoso de metáforas, ritmo, sonoridade e outros recursos linguísticos para criar uma linguagem rica e evocativa. A poesia, então, se torna uma forma de arte verbal que visa não apenas transmitir informações, mas também provocar uma resposta estética e emocional no receptor, centrando-se assim, no domínio estabelecido pelo fator predominante, a mensagem.

Por fim, compreende-se a função metalinguística, como aquela que se volta para si mesma, auto reflexiva, explicitando seu próprio código, que é seu fator dominante. Para Chalhub (2003, p.48):

O conceito abrange noções do campo da lingüística, da teoria, da informação, da teoria da comunicação: é um sistema de símbolos com significação fixada, convencional, para representar e transmitir a organização dos seus sinais na mensagem, circulando pelo canal entre a emissão e a recepção (CHALHUB, 2003, p.48)

Nesta função, a linguagem não apenas comunica informações, mas também revela aspectos sobre seu próprio funcionamento, e destaca-se como objeto de análise, permitindo a reflexão sobre as palavras, seus significados e estruturas. Nesse contexto, a função metalingüística relaciona-se com os paradigmas (exploração de escolhas lexicais específicas) e sintagmas (compreensão das relações e estruturas gramaticais) estabelecendo uma conexão na estrutura da mensagem.

Assim, a função metalingüística da linguagem, de acordo com Chalhub, não apenas explora a comunicação, mas também se debruça sobre a própria linguagem, seu vocabulário e sua estrutura, ampliando a compreensão do código lingüístico em uso. Isso proporciona uma visão mais profunda da complexidade da linguagem e sua capacidade auto reflexiva, além da percepção de que “todos os sistemas de sinais são passíveis de interpretação metalingüística” (CHALHUB, 2003, p.52)

Após traçar um caminho pelas funções da linguagem propostas por Jakobson, compreende-se a importância da construção da linguagem e sua mensagem no cenário comunicativo, uma vez que, é através delas que o emissor consegue transmitir informações para o receptor, além de passar a intencionalidade por trás de cada mensagem.

2.3 AS FUNÇÕES DA LITERATURA

A Literatura, enquanto expressão artística e elemento de comunicação, desempenha um forte papel na reflexão e manifestação dos valores sociais, apresentando-se como um instrumento multifacetado que transcende a mera fruição estética. Nesse contexto, o exercício literário se define em seu objetivo como instrumento de alcance significativo ao público, que visa estabelecer comunicação entre a obra literária e o outro.

Dessa forma, pensar na sociabilidade literária implica considerar a teoria do linguista Roman Jakobson quanto aos fatores da comunicação. De acordo com o estudioso (JAKOBSON, 2008) , o ato comunicativo é formado pelo interligamento

dos seis elementos bases presentes na transmissão de informações – emissor, receptor, referente, mensagem, código e canal. Ele defende que, se em algum momento esses elementos não estiverem em consonância, a comunicação e compreensão do texto ficarão incoerentes.

Partindo desse fundamento base, Jakobson estabelece seis funções da linguagem conjecturadas aos seis fatores comunicativos, sendo elas: a função emotiva, função conativa, função referencial, função poética, função metalinguística e função fática. No entanto, ao se tratar de Literatura, Almeida e Lima (2019, p.64) afirmam que:

[...] sendo a Literatura um tipo de comunicação e cada obra tendo um foco distinto, uma vez que os textos literários não são herméticos, a maneira como podem atingir os leitores tende a ser bem específica e, por isso, podem ter uma função determinada.

Nessa percepção, pensar na literatura com foco somente nas funções da linguagem definidas por Jakobson, limitaria o fazer literário no âmbito humanizador e social, uma vez que elas são restritas à eficácia na transmissão de mensagens e são consideradas pragmáticas e utilitárias.

Assim, para se compreender essas *funções determinadas da literatura*, como nomeiam Almeida e Lima, Dídimo (1983) aponta elementos que determinam os objetivos das obras literárias, compreendendo as maneiras distintas que ocorrem na comunicação estabelecida pelas mesmas, sendo elas definidas nas seguintes funções: função lúdica, função catártica, função pragmática, função metaliterária, função cognitiva, função sinfrônica e função humanizadora.

O estudioso ainda propõe um paralelo entre as funções da linguagem e as funções da literatura. No entanto, embora compartilhem dos mesmos elementos bases, as funções da literatura transcendem o mero objetivo de comunicação eficaz de informações, uma vez que exploram a estética, a expressão artística e a reflexão profunda sobre a condição humana.

Ademais, enquanto as funções da linguagem organizam-se hierarquicamente dentro do texto, sendo assim excludentes ou sobrepostas, as funções da literatura são complementares e dialogam entre si a fim de levar uma compreensão de sentido do mundo aos leitores (ALMEIDA e LIMA, 2019). Sendo assim, de modo geral, pode-se definir as funções da literatura como elementos textuais intrínsecos aos

textos que provocam reflexão, questionamento e experiência estética por meio da comunicação.

Logo, com a preocupação de elevar a importância dessas funções para o ensino e a compreensão das obras literárias enquanto elementos constitutivos do sentido do mundo, ao longo dos anos, elas sofreram alterações em suas conceitualizações.

Nesse viés, partindo da visão de D'Onofrio (2007), há, na obra literária, cinco funções predominantes, sendo elas: a função lúdica, função catártica, função pragmática, função cognitiva e função estética, evidenciando a semelhança entre estas e as estabelecidas por Dídimo (1983).

Ao pensar na função lúdica, sua definição está intimamente ligada ao nome que recebe. O termo "lúdico" é oriundo do latim ludus, que significa brincar ou jogar. Sendo assim, em literatura, pode-se considerar que ocorre entre o autor e o leitor um jogo de sensações contidas no texto, intencionais da escrita do autor em sua colocação estética e poética, gerando uma obra prazerosa que adentra na construção de sentido do texto (ALMEIDA E LIMA, 2019,p.67).

Para definir a função catártica, Lopes (2021,p.100-101) afirma que:

A função literária catártica tende a ser responsável pelo surgimento de uma determinada prática comportamental, fundada em processos psicológicos que se juntam ao conjunto cultural, elaborando formas possíveis e plausíveis do ser humano exercer controle sobre suas ações e pensamentos [...]

Através disso, entende-se que a função catártica é aquela que, por meio do interesse do autor em sensibilizar os leitores, provoca uma aproximação entre o espectador e seus sentimentos, fazendo-o se envolver com o que lê.

Para Aristóteles (1992), a função catártica tem seu ápice na tragédia, uma vez que nela não apresenta-se apenas um reflexo dos homens, mas uma representação da vida, fazendo com que o leitor se questione sobre ela ou estabeleça sentido e valor à mesma.

Quanto à função pragmática, ela pode ser definida, em termos gerais, como representação ideológica, uma vez que leva o leitor a compreender a realidade de uma dada época e permite que ele seja "capaz de vislumbrar maneiras de transformar o meio" (ALMEIDA e LIMA, 2019,p.68).

Nessa função, pode-se observar o caráter construtivo do pensamento social visado pela literatura, uma vez que esta serve como meio de denúncia social e não

como controle das ideologias que regem o tecido político da sociedade. Para que isso ocorra no texto, ela irá estabelecer uma conexão com a função da linguagem conativa por apresentar um certo caráter persuasivo, apresentando ferramentas interpretativas necessárias para compreender a intenção por trás da mensagem.

É ainda importante ressaltar que essa função pode estar, de certa forma, ligada à função cognitiva, uma vez que essa última, tem o objetivo de levar

o leitor a adquirir algum tipo de conhecimento que pode ser usado em sua vida diária a partir de histórias contadas em obras literárias [...] opera no nível do conhecimento novo adquirido pelo leitor, ou seja, ele passa do estado de não saber para o estado de saber. (ALMEIDA e LIMA, 2019,p.69)

Nessa perspectiva, a função cognitiva é, em tese, meramente informativa, caracterizada por levar o sujeito ao amadurecimento intelectual a partir de novos conhecimentos contidos na mensagem.

E, por fim, nas delimitações de D’Onofrio(2007) quanto às funções da literatura, têm-se a função estética. Essa função é a responsável por gerar um formato artístico no texto literário, promovendo uma carga semântica a uma obra a partir da combinação forma/conteúdo, podendo gerar “a criação de uma imagem plurissignificativa” (ALMEIDA e LIMA, 2019, p.69), ou seja, diversas possibilidades de interpretação de um mesmo texto.

Nesse contexto, de acordo com Lopes (2021, p.102):

A função estética orienta o olhar do leitor para o mundo pelo conteúdo da obra, que passa a ser fundado pela relação arte e mundo, afastando uma concepção meramente utilitária (que reduz a obra literária às intenções do autor). É pela estética que os sentidos do homem são ampliados, a ponto de permitir a contemplação da obra pela via artística – ou seja, pela abertura da obra, o sujeito pode ser encaminhado aos múltiplos formatos de interpretação [...]

Diante dos elementos supracitados, é inegável a complexidade da literatura quanto ao seu ato comunicativo, compreendendo-o para além de transmissões informativas do cotidiano. Sendo assim, embora não seja citada pelo autor D’Onofrio (2007), é crucial retornar à função humanizadora defendida por Dídimo (1983), uma vez que esta rege todo o caráter humanizador das demais funções.

De maneira explicativa, a função humanizadora possui a característica primária da literatura de

levar o leitor a interpretar o mundo de maneira mais humana, sendo capaz de olhar para si e para o outro com a sensibilidade que somente a Literatura e as artes em geral são capazes de levar o homem a vivenciar. (ALMEIDA e LIMA, 2019, p. 69)

Dessa forma, ao tratar a literatura como influenciadora da construção humana, é fundamental estabelecer, através de suas obras, funções específicas da área, considerando não apenas o caráter formativo e estético dos textos, mas também a visão reflexiva intrínseca na comunicação.

Ademais, é importante lembrar que, embora apresentem características, em certo ponto, distintas, as funções da literatura e as funções da linguagem são cruciais para a literatura, já que oferecem uma riqueza única ao ampliar as fronteiras da linguagem para além de uma comunicação cotidiana.

Sendo assim, igualando o grau de importância das duas instâncias, é necessário destacar que inserir as funções da literatura no ensino de Língua Portuguesa nas escolas, bem como nos cursos de graduação em Letras é fundamental para que se obtenha um olhar crítico e amplo para a Literatura, bem como ela se caracteriza, além de promover um olhar humanizador para essa área de aprendizagem.

2.4 A LITERATURA COMO IMPORTANTE INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Literatura enquanto manifestação artística e linguística, transcende o mero caráter comunicativo e expressão verbal, e atua como um espelho intrincado da condição humana, cuja tessitura narrativa e estilística documenta a diversidade cultural e histórica, bem como incita a reflexão crítica que compreende a estrutura multifacetada do mundo.

Partindo desse pressuposto, na atualidade, a Literatura pode ser entendida como um reflexo da sociedade que integra em sua estética elementos construtivos para formação humana. Dessa forma, é através da Literatura que se aborda diferentes áreas sociais dentro do ensino de Língua Portuguesa, ressaltando o principal objetivo deste componente no ambiente educacional.

Contudo, nem sempre essa importância foi estabelecida de maneira eficaz, explícita e liberal, pois assim como as demais áreas do conhecimento

desenvolveram-se em um longo processo político, social e econômico, a Literatura também possui seu viés histórico.

De acordo com Zilberman (2008), antes de ser conhecida por esse termo, na Grécia Antiga a Literatura era denominada de arte poética, destacando-se em sua forma educativa através da epopeia e do drama. No entanto, ao fornecer aos povos padrões de identificação e de comportamento diante da sociedade, essa área, embora possuísse o cunho educativo, era interligada aos interesses do Estado, reforçando os ideais políticos que este almejava estabelecer.

Dessa maneira, a Literatura passa a fazer parte do currículo, porém, não se constitui como objeto autônomo. Segundo Aguiar e Suassuna (2013,p. 8), a Literatura:

Na Idade Média, dissolvia-se entre as disciplinas que compunham o Trivium (Gramática, Retórica e Lógica) e, na Renascença, quando se passou a valorizar a cultura clássica, a Literatura servia de modelo para o ensino das línguas grega e latina. É após a revolução burguesa que as literaturas nacionais passam a integrar os currículos, sendo estudadas a partir da ótica da História da Literatura. A língua vernácula presente nas obras literárias passou a ser tomada como modelo de língua homogênea e nacional a ser difundido pela escola. O objetivo era contribuir para a consolidação do estado burguês.

Ademais, Soares (2002,p. 164-165) afirma que essa tradição vinculada à Gramática, Retórica e Lógica manteve-se até a década de 1940, uma vez que atendiam às exigências culturais impostas pelos grupos social e economicamente privilegiados da época. Dessa forma, é perceptível que a Literatura, meramente articulada ao poder estatal, não podia se desfazer da sua força educativa, já que é através dela que o Estado chegaria a monopolização da sociedade.

Deixando de lado, ao longo do seu desenvolvimento, a finalidade ética e intelectual, sua comunicação com o público é alterada, passando a ter natureza de cunho linguístico e formal (ZILBERMAN, 2008, p. 20). É a partir disso que “ensino tradicional de Literatura tem se caracterizado por duas funções: ajuda a conhecer a norma das línguas nacionais e, de forma cronológica, apresenta uma história que coincide com a do país” (AGUIAR e SUASSUNA, 2013,p. 8).

Diante disso, é através dos reflexos de sua construção histórica que a Literatura se articula em sala de aula. Porém, é possível afirmar que seu ensino, até a década de 1970, ainda se dava de maneira dependente, inserido, em sua maioria, como tarefa de alfabetização e letramento a partir dos textos literários, em aulas de

Língua Portuguesa. Dessa maneira, o texto literário circulava no ambiente escolar como objeto pronto, pertencente a um valor previamente estabelecido, que limitava a intervenção do aluno diante da criticidade e da criatividade no texto.

Contudo, movimentos como a pedagogia renovadora, desenvolvida no século XX por estudiosos da área, promoveram abordagens mais centradas no aluno, levando-o para o centro do processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, à medida que a sociedade foi evoluindo, intervindo criticamente no currículo, o ensino de Literatura também se transformava.

Assim, tendo em vista os avanços adquiridos por um longo percurso de discussões de diversos estudiosos sobre as lacunas e carências desse ensino, é perceptível que o ensino de Literatura apresenta uma grande melhoria, estando amparada nos documentos que regem a prática educativa em sala e se estabelecendo de maneira explícita no currículo.

Nesse contexto, ao analisar as competências que regem a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) no componente de Língua Portuguesa, observa-se que tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, a Literatura se apresenta em seu caráter formativo e humanizador, articulada à concepção de linguagem enquanto expressão de pensamento, instrumento de comunicação e como forma de interação ligada ao contexto ideológico e sócio-histórico.

Presente no documento, a quinta Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Fundamental propõe que é dever dessa disciplina:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas **manifestações artísticas e culturais**, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da **produção artístico-cultural**, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, 2018, p.65)

No mesmo contexto, presente na segunda Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, fundamenta-se que deve-se:

Compreender os **processos identitários**, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as **diversidades e a pluralidade** de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e **combatendo preconceitos** de qualquer natureza. (BNCC, 2018, p.490)

Partindo dessas concepções, e observando as palavras em destaque, é possível afirmar que a Literatura está presente explicitamente no ensino. Analogamente, ao se pensar na utilização dos textos literários nas aulas de Língua Portuguesa, objetiva-se municiar os alunos de informações sobre o contexto histórico, ideológico e social de diferentes épocas e localidades, para que esses estabeleçam uma reflexão crítica sobre si e sobre o mundo, na busca pela construção identitária

Sendo assim, tomando esse objetivo como elemento base da Literatura, compreende-se que ao levar determinadas obras que apresentem manifestações artísticas e culturais para o processo de ensino-aprendizagem, os alunos serão desafiados a interpretar e explorar diferentes perspectivas, além de cultivar a apreciação estética e promover a diversidade cultural numa expressão individual e coletiva.

Em consonância, Zilberman (2008) argumenta que a leitura de textos literários é uma das práticas mais importantes na construção do ensino, uma vez que é através dela que o indivíduo pode adentrar em um ambiente de fantasia, sem a necessidade de abandonar a realidade, pelo contrário, ampliando seu conhecimento de mundo.

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2008, p.23)

Ademais, observa-se que a autora compreende a Literatura como uma ferramenta completa e poderosa, tanto na vida do indivíduo quanto em sua formação no meio social. Similar a isso, é possível afirmar que através dela pode-se chegar a diversas áreas do ensino, assim como a diversas dimensões da sociedade, alcançando a necessidade humana de sempre se manter informado, e atingindo a meta de transformação ideológica social, quebrando qualquer maneira de preconceito às diversidades, inserindo pensamentos liberais e formando cidadãos decentes para uma vida em comunidade.

É ainda necessário destacar que a Literatura no cunho linguístico, além de ultrapassar os limites dos muros escolares, atinge o caráter formativo da Língua Portuguesa. Retornando brevemente às concepções da linguagem, ao se instituir em sala de aula, as obras literárias apresentam os três fundamentos que permeiam o ensino da língua materna (linguagem enquanto expressão de pensamento, instrumento de comunicação e como forma de interação ligada ao contexto ideológico e sócio-histórico).

Desse modo, visando a importância de se concretizar um bom ensino, a Literatura, presente nas competências e na articulação da disciplina de Língua Portuguesa, apresenta um caráter formativo de ordem social e educacional. Desde o início de sua construção, ela contribui para os avanços sociais de modo que cresce à medida que faz crescer. Ainda que dissociada das amarras ideológicas e do caráter intencional do Estado, para Candido (1972, p.805):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa - o Bom, o Belo, o Verdadeiro, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice a instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras.

Com base na discussão, conclui-se que ao cultivar a capacidade de interpretar, questionar e expressar ideias, a Literatura se revela como uma poderosa aliada no processo educacional, enriquecendo não apenas a compreensão linguística, mas também a vivência cultural e intelectual dos estudantes. Assim, o ensino de literatura em Língua Portuguesa não apenas transmite conhecimento literário, mas também desenvolve habilidades cognitivas, emocionais e sociais dos indivíduos.

3 METODOLOGIA

Esta seção busca apresentar os caminhos traçados no decorrer da pesquisa, a fim de compreender o texto literário como elemento da comunicação. Logo, utilizaremos dos conceitos sobre metodologia abordados por Gil (2008) sobre os métodos de abordagem, os métodos de procedimento e os tipos de pesquisa. Por fim, apresentaremos possibilidades de leitura de poemas a partir da conexão entre

as funções do texto literário, deixando de lado a sequência histórica das escolas literárias.

3.1 MÉTODOS DE ABORDAGEM

De acordo com Gil (2008), os métodos de abordagem da pesquisa científica visam esclarecer os procedimentos lógicos que devem ser seguidos durante o processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade.

Podemos incluir no grupo de métodos de abordagem os métodos: (i) dedutivo – método do qual se parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis podendo levar a conclusões que derivam única e exclusivamente da lógica, (ii) indutivo – método que toma como ponto de partida um fato específico, particular, e, após o trabalho de coleta de dados, permite chegar a generalizações, hipotético-dedutivo – método por meio do qual o cientista observa um fenômeno, cria hipóteses a partir de intuição científica, estuda e analisa um conjunto de postulados que governam o objeto estudado e deduz as consequências através da experimentação, podendo, então, refutar os postulados e substituí-los quando necessário, sendo este método experimental por natureza, (iv) dialético – método através do qual pode se chegar a uma interpretação da realidade baseada nos princípios da unidade dos opostos, de quantidade e qualidade e de negação da negação e (v) fenomenológico – método pelo qual se busca resgatar os significados atribuídos pelos indivíduos ao objeto de estudo sendo, portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa e não estruturada.

Tomando com base as definições sobre os métodos de pesquisa, conforme proposto por Gil (2008), e o nosso objetivo, classificamos este trabalho como uma pesquisa indutiva, pois partimos de um fato específico, a saber: o uso das funções da literatura na leitura de textos literários para, a partir disso, mostrar a análise de textos comumente usados no primeiro ano do Ensino Médio, visando uma nova proposta de ensino.

3.2 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO

Os métodos de procedimento da pesquisa científica

têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão nos estudos dos fatos sociais (...) visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada. (GIL, 2008, p.15)

Dentre os métodos de procedimento mais adotados nas ciências sociais, Gil (2008) destaca os métodos: (i) experimental – método no qual o(s) objeto(s) de estudos é/são submetido(s) à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador a fim de observar os resultados produzidos pelas variáveis no objeto, (ii) observacional – método no qual o investigador apenas observa algo que acontece ou já aconteceu, (iii) comparativo – método no qual o pesquisador procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles, estatístico – método fundamentado na aplicação da teoria da probabilidade fazendo com que o investigador possa se valer da explicação dos dados obtidos por meio deste método não como verdades absolutas, mas como dotadas de boa probabilidade de serem verdadeiras, (v) clínico – método que é sustentado pela profunda relação entre o pesquisador e o pesquisado e (vi) monográfico – método no qual se parte do princípio de que o estudo de um caso pode ser a representação de outro semelhante ou de muitos outros casos do mesmo tipo.

Como esta pesquisa será desenvolvida, em sua maior parte, por meio do método indutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica.

3.2.1 Tipos de Pesquisa

Segundo Gil (2008), pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

Tomando como pressuposto básico a definição de ciência conforme proposto por Gil (2008), o autor destaca que há duas formas de fazer pesquisa: (i)

a pesquisa pura – tipo de pesquisa na qual se busca desenvolver os conhecimentos científicos sem a aplicação prática dos resultados obtidos como resultado da pesquisa e (ii) a pesquisa aplicada – tipo de pesquisa em que há menos preocupação para o desenvolvimento de teorias e valoriza a aplicação imediata no campo pesquisado. A partir de então, o autor afirma que os pesquisadores podem desenvolver três tipos distintos de pesquisas: as pesquisas exploratórias, as pesquisas descritivas e as pesquisas explicativas.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. (...) As pesquisas explicativas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. (GIL, 2008, p. 27-28)

Levando em consideração as classificações conforme propostas por Gil (2008), definimos que a pesquisa desenvolvida neste trabalho é uma pesquisa de caráter aplicado, pois buscamos, a partir da leitura dos textos literários e do reconhecimento de suas funções, propor novos caminhos para o ensino de Literatura.

3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção buscamos apresentar um ensino de literatura pautado nas funções da literatura, tendo o texto literário como o centro desse estudo, não pondo em evidência apenas o estudo das escolas literárias, mas abarcar textos de cada escola levando em consideração, principalmente, a essência da literatura que é arte criadora e expressão estética da palavra, capaz de transformar e humanizar os sujeitos, pois, como bem pontua Cosson (2009, p.17)

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz quem somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da Literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço

de nossa própria experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.(
COSSON,2009,p.17)

Assim, se propõe o caráter formador e transformador da literatura, uma vez que ela é reveladora da identidade cultural do indivíduo e tem como princípio fundamental a ampliação dos horizontes, descoberta e compreensão do mundo. Aí se estabelece seu caráter comunicativo, pois ela (a literatura) permite um diálogo entre o leitor e a obra, e constitui a expressão de um mundo que é liberado a cada leitura, a cada interpretação que surge.

Dito isso, para melhor compreensão do leitor a respeito do ensino de literatura por meio de suas funções, a saber : (i) função lúdica; (ii) função catártica; (iii) função pragmática, (iv) função metaliterária, (v) função cognitiva; (vi) função sinfrônica e (vii) função humanizadora, consideramos analisar e discutir como cada função aparece nos textos literários dos seguintes períodos literários: Trovadorismo; Quinhentismo; Barroco; Arcadismo; e 1ª geração do Romantismo. Nos limitamos a analisar apenas os textos da literatura brasileira para fins de delimitação, além disso, a escolha dos períodos literários se deu devido a proposta ter sido pensada para aplicação no 1º ano do Ensino Médio.

3.1.1 Análise de Texto por Função Literária

No Quinhentismo a produção literária é baseada em textos informativos, tendo os primeiros escritos destacando os achados de uma terra recém descoberta. Por seu caráter documental, esse período não é considerado por muitos historiadores como parte da literatura essencialmente brasileira, isso, porque parte da produção artística dessa época foi escrita por portugueses. Contudo, para Alfredo Bosi (1982), a pré - história da literatura interessam como reflexo da visão do mundo e da linguagem, daqueles que primeiro observaram e captaram paisagens importantes da terra, do índio, e dos primeiros grupos sociais nascentes no país, e dessa forma já se conduzia, mesmo que de forma primitiva as condições de uma cultura que se chamaria literatura.

Diante disso, partiremos da observação de se há a presença das funções lúdica, catártica, pragmática, metaliterária, cognitiva, sinfrônica e humanizadora, nos textos quinhentistas, a exemplo da carta de Pero Vaz de Caminha, agrupando

textos que se relacionam pela presença da mesma função mesmo pertencentes a escolas literárias distintas.

A pele deles é parda e um pouco avermelhada. Têm rostos e narizes bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem se preocupam em cobrir ou deixar de cobrir suas vergonhas mais do que se preocuparam em mostrar o rosto. E a esse respeito são bastante inocentes. Ambos traziam o lábio inferior furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento duma mão travessa, e da grossura dum fuso de algodão, fino na ponta como um furador. (...) Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e a nossa, eles se tornaram, logo cristãos, visto que não aparentam ter nem conhecer crença alguma. Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CAMINHA, 2006, p. 39).

A Carta de Caminha a D. Manuel, caracterizada como literatura de viagens, gênero predominante na Europa do século XV, já nos demonstra seu caráter cognitivo, por informar e descrever notícias sobre o descobrimento da terra. As descrições dos índios, a inocência neles encontrada, a impressão da selvageria destes por não se preocuparem em cobrir suas vergonhas e por tamanha inocência e “orientação religiosa”, suscetíveis a catequizações, já nos revela o sentido da função cognitiva que é transmitir o conhecimento, neste caso o conhecimento dos nativos e das terras.

Para melhor situar o leitor e, para prosseguir com a nossa pesquisa, não foi possível considerar a função lúdica no quinhentismo por se tratar de um período ao qual a produção literária estava voltada para relatos de viagem, crônicas, cartas e documentos oficiais do que para textos lúdicos, pois tratavam de textos informativos cujo o objetivo principal era registrar as descobertas e a colonização das terras recém-encontradas pelos portugueses.

Não é catártica porque não traz intrínseco o sentido de mobilizar o leitor no texto, provocar sentimentos. Não é lúdica, pois não se preocupa com o prazer da leitura, não é possível também encontrar a função pragmática, metaliterária, sinfrônica e humanizadora, mas apenas a função cognitiva, ressaltando o sentido de transmitir conhecimento, características de uma cultura ou sobre períodos da história. Pois, como bem pontua Almeida e Lima (2019), essa função leva o leitor a conhecer aspectos históricos e sociais a partir do sentido literário contribuindo assim para sua maturação intelectual.

É possível perceber ainda tal característica na literatura jesuítica, poemas como os de Padre José de Anchieta e o “Diálogo Sobre a Conversão do Gentio” de Manuel da Nóbrega, textos carregados de um caráter catequizador e com forte intenção pedagógica e moral.

No poema “Em Deus, meu criador”, de Anchieta é possível perceber o zelo que se tem pela conversão do gentio e a descrição preocupada do padre acerca da catequização desse povo. Neste sentido a função se estabelece a partir das informações trazidas do texto sobre a formação religiosa jesuítica, Anchieta demonstra a importância de se conhecer a Deus, o supremo eterno. O autor defende que a inconstância das coisas só encontram a constância estando em Deus que é criador de todas as coisas e por isso tudo depende dEle.

Não há cousa segura.
Tudo quanto se vê
se vai passando.
A vida não tem dura.
O bem se vai gastando.
Toda criatura
passa voando.
Em Deus, meu criador,
está todo meu bem
e esperança,
meu gosto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal Senhor
não faz mudança.
Contente assim, minha alma,
do doce amor de Deus
toda ferida,
o mundo deixa em calma,
buscando a outra vida,
na qual deseja ser
toda absorvida.
Do pé do sacro monte

meus olhos levantando
 ao alto cume,
 vi estar aberta a fonte
 do verdadeiro lume,
 que as trevas de meu peito
 todas consume.
 Correm doces licores
 das grandes aberturas
 do penedo.
 Levantam-se os erros,
 levanta-se o degredo
 e tira-se a amargura
 do fruto azedo!

(ANCHIETA, 2005, p. 16)

O Diálogo Sobre a Conversão do Gentio, de Manuel da Nóbrega, traz anotações epistolares, que dão a seus escritos um traço pragmático, ao passo que descreve as ações daqueles homens como “animalescas” afirmando não serem passíveis de conversão. A única função presente é a cognitiva, posto que preocupa-se apenas em informar sobre as descobertas e as nuances que envolvem o comportamento e as tradições de um povo “sem traço religioso”.

“Gonçalo Alvarez: Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão encarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem aventuraça sabem desejar; pregar a estes é pregar em deserto ha pedras.

Matheus Nogueira: Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem adorar não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ela se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhes dizes se fica nada.”

(Trecho do texto “Diálogo Sobre a Conversão do Gentio”)

Nessa perspectiva, consideramos os textos quinhentistas primordialmente cognitivos, no qual buscando apenas transmitir o conhecimento leva o leitor a captar as informações do texto e transformá-las em conhecimento intelectual.

Adentrando o Barroco ou seiscentismo, com ecos na literatura brasileira entre os séculos XVII e XVIII, nota-se que esse foi um período marcado pelo pessimismo

literário, obscuridade e contrariedades, além da complexa dualidade da alma humana. As obras dessa época possui um caráter não homogêneo, com predominância religiosa, uma expressiva riqueza de detalhes e formas, expressões dramáticas como o jogo de luzes e sombras e, além disso, uma forte predominância de figuras de linguagens nas construções poéticas.

Dentro da visão cognitiva temos as sátiras sociais de Gregório de Matos (1639- 1696), o “boca do inferno”, mestre de uma poesia riquíssima e de alto nível artístico. A produção literária do autor perpassa os sentidos de uma contrição devota a uma obscenidade, além de uma denúncia significativa da Bahia daquela época (BOSI, 2006). Na poesia Gregoriana vê-se a expressão de um cognitivo substancialmente satírico e moral. O poeta não hesita em reprovar aquela sociedade, bem como o comportamento de figuras importantes como os próprios governantes da Bahia.

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.
A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.
Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote [...]

(MATOS, 2019, p.21.)

Essa tendência reprovativa do autor concedeu a sua obra, um importante papel para a literatura brasileira. O conhecimento crítico e a maturação intelectual que transcorre de seus textos demonstram ao leitor as concepções próprias de seu período, afirmam também o caráter informativo em sua poesia no que se refere a representação da sociedade transfigurada pelos ideais do período barroco.

No texto “Triste Bahia”, o autor se lamenta pela exploração econômica açucareira que era imposta a seu estado pelos governantes, e demonstra que

cuidado e zelo contraditório se tem pela sua terra. Tal apelo crítico estabelece a característica fundamental da função cognitiva, que se relaciona entre o transmitir conhecimento e denúncia das mazelas sociais.

O Arcadismo Iniciou-se no século XVIII, tendo como principais representantes Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), Basílio da Gama (1740-1795), Tomás António Gonzaga (1744-1810) e Cláudio Manuel da Costa (1729-1789). foi um período marcado pelo bucolismo, temas voltados a tendências pastoris e a contemplação da natureza, trazendo de volta a temática e estilo greco-latino.

Analisando as produções literárias da época, percebemos que grande parte dos textos árcades por serem amenos e puramente contemplativos, trabalham uma forte devoção pela mulher amada, idealizada de acordo com o clima e a simplicidade do campo. De acordo com Bosi (2006), o bucolismo permitiu aos poetas abrir as janelas para o cenário idílico onde pudessem cantar livremente os sentimentos de amor e abandono ao fluxo da existência, a observar o campo como paraíso proibido, idealizando-o como reino de espontaneidade.

Levando em conta esse aspecto, não encontramos muitas produções desse período que trabalhassem a função cognitiva de maneira tão específica como no quinhentismo. Contudo, destacamos o poema épico "*Vila Rica*", de Cláudio Manuel da Costa, ao qual vem tratar da formação da capital de Minas Gerais, Vila Rica, sua terra natal. Uma narrativa labiríntica, que trata de aspectos míticos e históricos, e concede à obra um aspecto documental, aí se determina a presença da função cognitiva no texto.

Enfim serás cantada, Vila Rica,
Teu nome impresso nas memórias fica.
Terás a glória de ter dado o berço
A quem te faz girar pelo universo.

(Canto X, v.199-202)

Já no Romantismo, a função cognitiva se apresenta a partir da tendência nacionalista e indianista característica da poesia romântica. Para Candido (2013) esse período é parte de um "grande processo de tomada de consciência nacional, constituindo um aspecto do movimento de independência", configurando uma

passagem do sentimento colonial à independência e a uma valorização exacerbada do patriotismo. Para Bosi (2006) no romantismo

[...] os nossos românticos exibem fundos traços de defesa e evasão, que os leva a posições regressivas: no plano da relação com o mundo (retorno à mãe-natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem, exotismo) e no das relações com o próprio eu (abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos). Para eles caberia a palavra do Goethe clássico e iluminista que chamava a esse Romantismo "poesia de hospital". (BOSI, 2016, p. 97)

Neste trabalho nos limitamos a analisar somente a primeira geração do romantismo, aquela dita "indianista", que configura a imagem do índio como herói nacional. Essa tendência nacionalista, a busca da (re)construção da identidade brasileira é o que tange a primeira fase desse período. Os principais representantes dessa fase são Gonçalves Dias (1823-1864) e José de Alencar (1829-1877), mas foi Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (1812-1861) os precursores do romantismo no Brasil.

Tratando da literatura de cunho nacionalista e crítica, referimo-nos a Domingos José Gonçalves Magalhães (1811- 1822) em sua obra emblemática *Suspiros Poéticos e saudades (1836)*, escrita durante o processo de emancipação política e independência do Brasil, para estabelecermos como parte da função cognitiva no romantismo. Uma vez, que na obra o autor faz referência ao patriotismo e ao nacionalismo, além do individualismo e caráter sentimentalista levando a idealização da natureza e da infância. Assim, consideramos a obra cognitiva por buscar o conhecimento dos leitores acerca da realidade daquela sociedade, fazendo com que através dessa compreensão busquem não só conhecê-la mas se engajarem a modificá-la, um traço que é recorrente da função pragmática. Então, mesmo havendo predominância da função cognitiva, ela também vem a ser pragmática. Isso se observa no trecho de *Uma Manhã No Monte Jura*, da obra *Suspiros Poéticos e saudades (1836)*

Tu, que iluminas mil milhões de povos,
Que outros tantos baixar tens visto ao nada,
E outros tantos subir ao grau daqueles;
Cem, e cem vezes eu te vi radiante
Atravessar contente e vagaroso

De minha Pátria os campos,
 Os serros, e as cidades,
 Como se, lei não sendo o movimento,
 Eterno no Brasil brilhar quisesses.
 Oh Sol, ind'ontem viste essa ditosa Pátria,
 por quem suspiro aqui saudoso;
 Pátria, por quem me afano; mas se embalde,
 Longe dela acabar prefiro ao opróbrio
 De vê-la, e ser-lhe inútil.

(MAGALHÃES, 1836, p.127)

Partindo para a função Lúdica, notamos que é expressamente observada como um jogo comunicativo entre autor e leitor, intencionalmente pensado na construção estética e poética do texto, fazendo com que ao interagir com o texto esse leitor construa sentido e busque interpretar o mundo pela janela literária, a essa interação Almeida e Lima (2019) chama ludicidade. Essa função, como postulada por D'Onofrio (2007), permite uma coexistência entre autor e leitor de modo simultâneo durante a leitura do texto, provocando no leitor um estado de emoção, tornando a obra prazerosa e interativa.

Nessa perspectiva, agrupamos textos que se relacionam no tocante à função lúdica: O texto barroco *Pica-Flor*, de Gregório de Matos, o arcádico texto de Tomás António Gonzaga, *Marília de Dirceo* e *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias do período romântico.

Partindo da concepção do lúdico, observamos que o período barroco, é a representação característica da função lúdica, uma vez que, as fortes tendências do cultismo e conceptismo deram a esse período uma forte orientação de ludicidade nas obras, trabalhando a concepção de ideias e o jogo com as palavras levando o leitor a interagir com o texto buscando estabelecer sentido.

Se Pica-flor me chamais
 Pica-flor aceito ser
 mas resta agora saber
 Se no nome que me dais
 meteis a flor que guardais

no passarinho melhor.
 Se me dais este favor
 sendo só de mim o Pica
 e o mais vosso, claro fica
 que fico então Pica-flor.

(MATOS, 2019 p.15.)

Em *Pica-flor*, o autor Gregório de matos, usa um tom erótico e expressões que fazem alusão à sexualidade para evidenciar seu desprazer por uma freira. Esse poema satiriza a dualidade entre a religiosidade e sexualidade, temas sensíveis àquela época. Assim, se percebe o jogo entre as palavras “pica e flor” associadas ao pássaro “beija-flor” para se referir ao órgão genital masculino e feminino, utilizando um tom provocativo, de tal modo que satiriza os costumes convencionais. Torna-se lúdico pela escolha das palavras que traz ao texto uma imagem metafórica, fazendo com que o leitor interaja nesse jogo e construa significado para a obra.

Em *Marília de Dirceu (1792)*, o autor árcade Tomás Antônio Gonzaga evidencia a exaltação da natureza e contemplação dos elementos simples da vida, a natureza é o elemento primordial que configura a beleza das artes e do ser e, por isso, o bucolismo e a vida pastoril é tão expressiva em *Marília de Dirceu (1792)*. A função lúdica se apresenta na obra através da musicalidade e a elegância das palavras, típicas da linguagem poética.

Mas tendo tantos dotes da ventura,
 Só apreço lhes dou, gentil pastora,
 Depois que teu afeto me segura
 Que queres do que tenho ser senhora.
 É bom, minha Marília, é bom ser dono
 De um rebanho, que cubra monte e prado;
 Porém, gentil pastora, o teu agrado
 Vale mais que um rebanho e mais que um trono.

Graças, Marília bela,
 Graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
 A quem a luz do Sol em vão se atreve;
 Papoula ou rosa delicada e fina
 Te cobre as faces, que são cor da neve.
 Os teus cabelos são uns fios d'ouro;

 Teu lindo corpo bálsamos vapora.
 Ah! Não, não fez o céu, gentil pastora,
 Para glória de Amor igual tesouro!
 Graças, Marília bela [...]

(GONZAGA, 1862, p.6)

Um segundo elemento fundamental dos textos árcades é a idealização da figura feminina, posto que no referido texto há uma sublime exaltação pela humilde pastora que, com seus traços naturais o faz recordar a exuberância da natureza. digna das descrições de Tomás Antônio Gonzaga acerca de sua amada Marília, caracterizando assim um amor contemplativo. Essa devoção pela mulher amada nos recorda as cantigas de amor do Trovadorismo que, também configuram essa constante admiração por uma musa inspiradora. Nela, o trovador empreende a confissão dolorosa e quase elegíaca, de sua angustiante experiência passional por uma dama que lhe parece inacessível. Moisés (2013, p. 25).

A dona que eu amo e tenho por Senhor
 amostra-me-a Deus, se vos en prazer for,
 se non dade-me-a morte.
 A que tenh'eu por lume d'estes olhos meus
 e porque choran sempr(e) amostrade-me-a Deus,
 se non dade-me-a morte.
 Essa que Vós fezestes melhor parecer
 de quantas sei, a Deus, fazede-me-a veer,
 se non dade-me-a morte.
 A Deus, que me-a fizestes mais amar,
 mostrade-me-a algo possa con ela falar,
 se non dade-me-a morte.

(BONAVAL, 1977, p. 96)

Todo esse culto de serviço amoroso, traz à tona uma noção estética que ao texto o torna lúdico, pela sonoridade e musicalidade das palavras, bem como o misto de sentimentalismo e emoções característico do amor “cortês”.

Em Gonçalves Dias, poeta romântico, partiremos do texto canção do exílio, para determinar a presença da função lúdica. O poema busca descrever as características da terra brasileira com toda sua exuberância em contextos naturais. A terra que causa tanta saudade e nostalgia, traz ao poeta um constante anseio pelo regresso. Gonçalves Dias ficou conhecido por ser um escritor que buscava formar identidade, o que nos chama atenção para a forte tendência da primeira geração romântica de refundar a nacionalidade brasileira.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores. [...]

(DIAS, 2023, p.18)

O traço de subjetividade no texto em contraste com a razão é uma das principais características da poesia romântica, a busca pelo patriotismo do brasileiro, exaltando o que se tem de mais belo no país, as características da terra. A busca dessa sensação patriótica nos revela um fator primordial da função lúdica, a subjetividade, expressa intencionalmente pelo autor objetivando provocar no leitor às emoções mais subjetivas do texto, nesse caso o sentimento nacional.

Na função Catártica, o leitor é levado a liberar emoções e sentimentos protagonizando certos comportamentos como alegria, tristeza, raiva e realização. Essa função para D'onofrio (2007) é reveladora do comportamento humano, ela expõe o leitor a situações que o levam a contrapor suas crenças e, a depender do contexto, mudarem de postura. Lopes (2021) complementa afirmando que a função

catártica é de fundo comportamental e psicológico, portanto, permite ao autor de determinada obra literária sensibilizar os leitores.

No Barroco, evidenciamos as características dessa função na poesia sacra de Gregório de Matos, na evidente luta pela moralidade Cristã, mesmo que contraditória. Um pecador que ora deseja a santidade ora anseia pelo pecado, caracterizando uma dupla moralidade de culpa e perdão, corpo e alma. No poema “*A Cristo Senhor Nosso Crucificado estando o Poeta na última hora da sua vida*”, diante da morte, o pecador busca incessantemente o perdão, pois espera pelo amor e misericórdia que Cristo salve sua alma. A poesia religiosa de Gregório de Matos é a expressão de uma autêntica angústia, atos de arrependimento e “suspiros de amor” constante.

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro,
 Em cuja lei protesto de viver,
 Em cuja santa lei hei de morrer
 Animoso, constante, firme e inteiro:
 Neste lance, por ser o derradeiro,
 Pois vejo a minha vida anoitecer,
 É, meu Jesus, a hora de se ver
 A brandura de um Pai, manso Cordeiro.
 Mui grande é vosso amor e o meu delito;
 Porém pode ter fim todo o pecar,
 E não o vosso amor, que é infinito.
 Esta razão me obriga a confiar,
 Que, por mais que pequei, neste conflito
 Espero em vosso amor de me salvar.

(MATOS, 2010, p. 312)

O poema expressa a função catártica por levar o leitor a sentir nas palavras do poeta a mesma angústia por ele supracitada, pois ainda que se reconheça incorrigivelmente pecador, o poeta confia no perdão divino e na salvação, o drama que rege a vida e o pensamento de toda uma humanidade desde a sua gênese, a salvação da alma. Reconhecemos que assim como bem postula Aristóteles (1992) a catarse é uma representação da vida, nela o leitor se questiona sobre si e sua

própria existência, no caso da poesia gregoriana o leitor questiona-se sobre sua fé, existência e moral diante de Deus.

A catarse no arcadismo se dá pelo sentimento de tristeza de Dirceo, perante a ideia de que não mais voltará a ver sua amada Marília. O contexto construído pelo autor para demonstrar toda sua agonia em pleno exílio na África, suscita no leitor inúmeras emoções, o faz sentir também a tristeza diante da saudade e a angústia de um adeus. Eis a concretude da função definida por Aristóteles como purificadora das emoções humanas, no qual o leitor para aliviar tais emoções se deixa levar pelo mesmo contexto vivenciado pelo personagem na obra.

Leo-se-me em fim a sentença
 Pela desgraça firmada
 Adeos, Marília adorada,
 Vil desterro vou sofrer.
 Ausente de ti, Marília,
 Que farei? Irei morrer.

Que va para longes terras,
 Intimarem-me eu ouvi;
 E a pena que então senti, justos ceos, não sei dizer!
 Ausente de ti, Marília,
 Que farei? Irei morrer

(GONZAGA, 1862, p. 283-284)

O mesmo sentido presente na obra de Tomás António Gonzaga se apresenta também na obra romântica de Gonçalves Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), um conjunto de poemas que retrata diversos temas como cristianismo, mocidade e fantasia. Nesses escritos se percebe as indicações de aventuras do autor, das quais sente saudades. No trecho explicitado abaixo, do poema *A voz de Minha Alma* (1836) observamos como se manifesta a função catártica através da expressão de uma alma cristã que suspira por Deus, no qual diante de tamanho suplício faz com que o leitor se perceba também diante de tais emoções.

Sim; esta voz do peito meu se ex'hala!
 Esta voz a minha alma, e se espraia,
 É minha alma, que geme, e que murmura,
 Como organ no templo solitário,
 Minha alma, que o infinito so procura
 E em suspiros de amor a seu Deos se ala

(MAGALHÃES, 1836, p.15)

Na função Pragmática, os textos literários recebem um caráter ideológico e social. Para Almeida e Lima (2019) essa função é representativa do conhecimento crítico e, portanto, construtora do pensamento intelectual do leitor. Neste sentido, é possível notar certas nuances da função cognitiva junto a essa concepção pragmática, o que nos faz recordar do texto romântico de Gonçalves Magalhães visto na seção da função cognitiva e que também se caracteriza pela noção ideológica social na função pragmática.

Tu, que iluminas mil milhões de povos,
 Que outros tantos baixar tens visto ao nada,
 E outros tantos subir ao grau daqueles;
 Cem, e cem vezes eu te vi radiante
 Atravessar contente e vagaroso
 De minha Pátria os campos,
 Os serros, e as cidades,
 Como se, lei não sendo o movimento,
 Eterno no Brasil brilhar quisesses.
 Oh Sol, ind'ontem viste essa ditosa Pátria,
 por quem suspiro aqui saudoso;
 Pátria, por quem me afano; mas se embalde,
 Longe dela acabar prefiro ao opróbrio
 De vê-la, e ser-lhe inútil.

(MAGALHÃES, 1836, p.127)

Vale lembrar, que essa função não serve como controle das ideologias, mas como denúncia social. Dentro dessa perspectiva, observamos o foco do autor na representação do patriotismo e luta pela nacionalidade de uma terra que está à beira da independência e, pela qual o autor tem tanto apreço.

O mesmo ocorre no texto barroco de Gregório de Matos, *À Bahia*, no qual o autor procura denunciar a situação social a que se encontra aquela sociedade baiana, em tempos de intensa desigualdade social.

[...] Tristes sucessos, casos lastimosos,
Desgraças nunca vistas nem faladas,
São, ó Bahia! Vésperas choradas
De outros que estão por vir mais estranhosos.

Sentimo-nos confusos e teimosos,
Pois não damos remédios às já passadas,
Nem prevemos tampouco as esperadas,
Como que estamos delas desejosos.

Levou-vos o dinheiro a má fortuna,
Ficamos sem tostão, real nem branca,
Macutas, correão, novelos, molhos. [...]

(MATOS, 2019 p.37.)

No Arcadismo, ainda nos dedicamos a analisar a segunda parte da obra *“Marília de Dirceu”*, pelo tom pessimista do autor ao relatar a saudade de sua musa inspiradora, tal relato se compraz pelo fato do autor ter escrito quando já estava exilado, em razão do seu envolvimento com a inconfidência mineira, pois era contra o domínio colonial português.

Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses:
A quem sábio cumpro as leis sagradas
Servem de solio as cruces

(GONZAGA,1862, p.151)

Assim, Tomás António Gonzaga usa da poesia para fazer uma crítica social às desigualdades de classes da época e às injustiças e abusos de poder da corte portuguesa. Essa reflexão nos leva a compreender a presença da função pragmática na obra, pois leva o leitor a refletir sobre os acontecimentos da época e agir sobre eles.

A função Metaliterária trata-se de mobilizar a literatura em prol de si mesma, é uma função recente, sendo possível percebê-la nas vanguardas Europeias, com os autores modernistas, a exemplo de Mário de Andrade (1893-1945). Mas, Como estamos analisando a literatura trabalhada no primeiro ano do ensino médio, ao qual, seguem o cânone do trovadorismo a 1ª fase do modernismo, não encontramos textos característicos que trabalhem essa função tão primordialmente como nos modernistas.

Na função Humanizadora nos deparamos com o sentido macro da obra literária, pois se ela é a expressão do belo, levando em conta seu valor estético, quando pensamos no seu valor social, compreendemos essa mesma literatura como expressão do mundo. Para Antonio Candido (1995) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.

Esse caráter da literatura incentiva o leitor a entender e expressar o mundo de maneira mais humana, pois para Cosson (2014) ela opera o autorreconhecimento, o que faz com que o leitor se reconheça no outro, e reconheça o mundo através da literatura.

A literatura como palavra escrita e ficção, constituem a descrição de um mundo que é liberado a cada leitura, a cada interpretação que se surge, ela segundo Cosson (2014) tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas, provoca experiência e assim assume efetivamente sua vocação que é a de tornar o mundo compreensível, de transformar a materialidade das palavras em cores, odores, sabores e formas intensamente humanas.

Dentro desse contexto, a análise de texto por função e não somente por escola literária, configura um estudo da literatura, no qual o texto se torna o centro

da reflexão, pois como bem postula Cosson (2014) o texto literário precisa ser o objeto principal nas aulas de literatura e não um fator secundário. Trabalhando as funções em sala de aula e agrupando textos de variadas escolas literárias como barroco, arcadismo e romantismo fará com que o aluno perceba que trata-se da mesma função, mas com uma estética própria do período a que o texto se refere, e assim é possível trabalhar a criticidade no aluno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu apresentar uma proposta de ensino de literatura, pautado no uso das funções literárias como paralelo para o estudo do texto canônico. A fim de colaborar com os estudos sobre educação e ensino de literatura. Para tal levamos em consideração analisar as concepções de língua e linguagem em Saussure (2008), Lima (2002), Lyons (1982) e Chomsky (1978) como vertente do ensino de língua portuguesa para compreender como se estabelece o ensino de literatura, e como este contribui para a comunicação humana e formação intelectual do ser.

Nessa perspectiva, compreendemos que a literatura se configura como linguagem estética e social, traçamos um caminho pelas funções da linguagem propostas por Jakobson (2008) e as funções da literatura segundo Almeida e Lima (2019), Dídimo (1983), D'Onofrio (2007) e Aristóteles (1992) para entendermos como se estabelece o caráter comunicativo do texto literário, tendo como base as funções da literatura, uma vez que dialogam entre si trazendo compreensão de sentido do mundo aos leitores, assim construindo o senso crítico e estético dos mesmos. E por fim, buscamos a partir do pensamento de Candido (1972), Zilberman (2008), Aguiar e Suassuna (2013), Soares (2002) compreender a literatura como importante instrumento de transformação social no ensino de Língua Portuguesa.

Assim, é possível perceber que a gênese do ensino de literatura é o texto literário como o centro das práticas de leitura na escola, sem o abandono do prazer e com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Levando em consideração a formação do leitor, vencer a noção conteudista do ensino é compreender que mais que um conhecimento literário, trabalhar a literatura é partilhar experiências, falar de autorreconhecimento é, como diria Cosson (2014), incorporar o outro em mim sem a renúncia da minha própria identidade, e nos deixar sermos constituídos por meio da palavra, pois o principal objetivo do ensino da literatura é construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do método de pesquisa proposto por Gil (2008), a pesquisa indutiva, pois partimos do uso das funções da literatura na leitura de textos literários para, a partir disso, mostrar a análise de textos comumente usados no primeiro ano do Ensino Médio, visando uma nova proposta de ensino.

Este método prevê o uso de um referencial bibliográfico, o que nos permite afirmar que nossa investigação partiu do método monográfico, mais especificamente como pesquisa bibliográfica. Além disso, trata-se de uma pesquisa de caráter aplicado, pois buscamos, a partir da leitura dos textos literários e do reconhecimento de suas funções, propor novos caminhos para o ensino de Literatura.

E a partir da definição das seguintes funções: cognitiva, lúdica, catártica, pragmática, sinfrônica, metaliterária e humanizadora, selecionamos textos dos períodos quinhentismo, barroco, arcadismo e romantismo, e identificamos quais funções é presente em cada texto qual e porque é predominante nos textos de determinada escola literária, levando em consideração a fator estético e histórico-social do texto.

Percebemos que o estudo por meio das funções permite ao aluno transcender o sentido estético do texto, alcançando os valores sociais e comunicativos que se fundem no contato com os textos e as experiências do leitor num processo constante de reconstrução.

Portanto, pensar o ensino de literatura é pensar em humanizar, levar ao aluno muito mais que conteúdo, mas conhecimento crítico, é pensar a literatura como construtora de saberes humanos e intelectuais e, para isso, deve-se tratar de literatura em seu sentido completo, a saber: estético, social, crítico, pragmático e humanizador. É formar leitores sensíveis ao conhecimento das coisas subjacentes ao mundo que a literatura traz. Desse modo, tratar as funções da literatura em sala de aula, partindo do texto como instrumento de análise é primordial.

As funções da linguagem por si só são hierárquicas, mas quando relacionadas às funções da literatura de modo complementar, manifesta-se aí o sentido completo da linguagem, a comunicação e expressão do mundo em diálogo com o texto literário. É entender o que o texto nos diz e nos permitir ser quando nos deixamos mergulhar no universo da literatura.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marta; SUASSUNA, Livia. O ensino de literatura na educação básica: da crise da perspectiva tradicional ao desenvolvimento de novos paradigmas metodológicos. **Pau dos Ferros**, v. 02, n. 02, p. 06 – 26, set./dez. 2013.
- ALMEIDA, Vanessa Silva; LIMA, Alisson Hudson Veras. As Funções da Literatura na Leitura e Interpretação do Mundo. **Revista Anhanguera Goiânia**, v.20, n. 1, jan/dez. p. 63-70, 2019.
- ANCHIETA, José. **Poesia por/ Eduardo Portella**. Rio de Janeiro: Agir , 2005, p. 16
- BONAVAL, Bernardo. **Antologia da Poesia Trovadoresca Galego-Portuguesa**, in **Alexandre Pinheiro Torres**. Porto: Lello & Irmão, 1977, p. 96
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.
- CAMINHA, P. V. de. **A carta do descobrimento ao Rei D. Manuel**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, v.24, n. 9, p. 803-809, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2013.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado. 1978.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSTA, Cláudio Manuel. **A Poesia dos Inconfidentes**, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996.
- DE OLIVEIRA, Maria Vanessa Soares; PEREIRA, Jocimario Alves. **TEORIA GERATIVA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**. 2019.
- DÍDIMO, Horácio. As Funções da Linguagem e da Literatura. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 6, n.1/2, p. 135-138, 1983.

DISCINI, N. O conceito saussuriano de língua: desdobramentos. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 46, n. 3, p. 958–970, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i3.1741. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1741>. Acesso em: 29 nov. 2023.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros Cantos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p.18

D'ONOFRIO, As. Forma e sentido do texto literário. São Paulo: Ática, p. 75-88, 2007.
ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A língua e a linguagem em três perspectivas. **Linguagens & Cidadania**, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZAGA, Antonio. **Marilia de Dirceo**. Rio de Janeiro: Livraria de B. I. Garnier, 1862.

KENEDY, Eduardo. **Gerativismo**. In Manual de linguística. MARTELOTTA, Mario Eduardo. São Paulo: Contexto. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas. 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LIMA, Rita de Cássia Marques. **O poder da comunicação e a intertextualidade**. 2002. Tese de Doutorado.

LOPES, Felipe da Silva. As Funções da Linguagem. **Revista de Direito, Arte e Literatura**, v. 7, n. 1, p. 96 – 114, Jan/Jul. 2021.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Ed. 1982.

MAGALHÃES, Domingues. **Suspiros Poéticos e Saudades**. Rio de Janeiro: Em Casa do Senhor João Pedro da Veiga, 1836, p.127

MAGALHÃES, Domingues. **Suspiros Poéticos e Saudades**, Rio de Janeiro: Em Casa do Senhor João Pedro da Veiga, 1836, p.15

MATOS, Gregório. **Poemas escolhidos. Seleção, introdução e notas de José Miguel Wisnik**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MATOS. Gregório. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Ciranda cultura, 2019 p.15.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

NASCIMENTO, Silvana Schwab; WINCH, Paula Gaida. A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.10, n. 2, p. 219-236, dezembro de 2012.

NASI, Lara. O conceito de língua: um contraponto entre a Gramática Normativa e a Linguística. **Revista Urutágua** – revista acadêmica multidisciplinar. Paraná, n. 13, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. **Introdução à linguística**, v. 6, p. 11-24, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SOARES, Magda. Português na escola: História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (org). **Linguística da norma**. São Paulo: Edição Loyola, 2002, p. 155-177.

T. TODOROV. A literatura em perigo: DIFEL, Rio de Janeiro, 2009

VITRAL, Lorenzo. O que é gramática gerativa?. **Anais da Semana de Estudos de Língua Portuguesa**, v. 2, n. 1, p. 69-72, 2019.